

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600
Fóra do reino accresce o porte do correio.

Annunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
rua d'Arrucillo n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs a linha.
Repetições..... 20 rs. a linha.
Annuncios premanente 5
Folha avulsa..... 40

Antes das eleições

Com um passado tristíssimo, cheio de maculas, vai o ministério apresentar-se perante os electores, sollicitando os seus votos. Em uma nação medianamente ilustrada, em uma nação onde o povo tivesse a consciencia dos seus direitos políticos, esse ministério seria enxotado da urna, como outr'ora os vendilhões foram expulsos do templo. Uma lição de tal ordem aproveitaria melhor aos governantes do que os discursos violentos proferidos contra elles no parlamento: uma lição de tal ordem havia de, para o futuro, evitar as delapidações e os roubos, como os das obras do porto de Lisboa, os dos 49 contos, o da alienação do porto de Leixões e outros. Só assim se poderia tornar effectiva a responsabilidade ministerial, a qual apenas existe na lei, mas que desaparece de todo na pratica.

Approxima-se o periodo eleitoral, e o ministério, dispondo dos circulos, declara alertamente que ha-de diminuir, consideravelmente o numero de dentados da opposição regeneradora. Ahi está como se define bem que seja a representação nacional. Um ministério profundamente odiado, já, porque procurou sempre esmagar o povo, quando este queria reclamar em favor dos seus direitos menos presaltes e n'esse intuito ordenou os fuzilamentos providenciaes das Fôres, de Pombal e da Madeira, já porque cometeu toda a casta de delapidações, concluindo-se com um grupo de bem conhecidos syndicateiros, vem dispor a seu alante dos circulos, distribuindo os que quer pelos partidos adersos, como se Portugal não fosse mais do que uma Barataria onde só reinassem os enfatuados progressistas de mãos dadas com o monarcha bastante doente.

Ou o ministério se engana muito, tomando as lisonjas dos seus corrilhos por verdades incontestaveis, ou a nação cahiu n'um periodo de desmoralisação bem lamentavel.

Não pensamos sequer em que o ministério receba a lição que os seus crimes mereciam, longe d'isso, o ministério, pela corrupção e veniaga que tem desenvolvido e continuará desenvolvendo, pelas violencias que exerce, quer transferindo e demittindo empregados, quer lançando mão da força armada, ha-de vencer como todos os governos venceram, ainda os mais corruptos, se bem que mais corrupto do que o actual não tenha existido; mas a maioria que obtiver da urna não poderá ser pelo menos igual á da passada sessão legislativa. Os crimes são por demais conhecidos em todo o paiz, para que sejam esquecidos por completo no periodo em que os partidos politicos appellam para a urna, como que pedindo ao povo que julgue em ultima instancia do seu pro-

cedimento durante a sessão legislativa.

O povo não pode ser indifferente a esse appello, como não pode receber igualmente aquelles que pugnam sempre em prol dos seus direitos, em defeza dos seus haveres contra as harpias do thesouro, contra o bando de syndicateiros conluídos com os ministros, e aquelles que, em epochas de reclamações contra os vexames, pediam para o povo os fuzilamentos providenciaes. Se em tal occasião a indifferença o avassallasse ou o medo das bayonetas o premisse, amanhã o governo poderia á sua vontade vender-nos, como já vendeu uma parte do nosso territorio.

O que sustem o ministério no caminho das delapidações é o medo da propaganda, quer na imprensa, quer no parlamento, quer nos comícios e como resultante de tudo isto o castigo na urna.

Se lhe faltar este medo, se o povo em vez de vir em auxilio dos que luctam, se deixar ir na corrente da desmoralisação e das violencias, então é absolutamente impossivel prevêr aonde iremos parar, attenta a fome dos governantes; attentos os exemplos anteriores.

O Caminho de Ferro

Devido a circumstancias independentes da nossa vontade vimos um pouco tardê advogar os direitos da vossa terra a pedir, que o entroncamento do caminho de ferro do Valle do Vouga se fizesse na estação d'Ovar de preferença a qualquer outro ponto.

Tardê é verdade, nem por isso devemos desesperar, deixando de empregar os maiores esforços, afim de conseguir-mos o fim desejado.

Estamos longe de concordar com aquelles que dizem que, pelo facto do governo nem dar subsidio, nem ceder terreno aos concessionarios, não pôde accoordenar com elles em modificar o primitivo projecto. Do governo tudo depende; e não é uma companhia, como a do caminho de ferro do Valle do Vouga, que se ha-de levantar contra as indicações do governo, quando é certo que a cada momento está precisando de favores. E senão veja-se o que succedeu com a companhia de ferro de Lourenço Marques, para a qual tambem o governo não tinha concedido subsidios alguns.

Uma companhia que nem pede concessões de terrenos, nem subsidios, está tão dependente do governo como as outras companhias, porque a concessão da primeira e as concessões das segundas firmam-se por um contracto, fechado o qual as partes contraentes tomam a sua posição definida, sem que dependam por isso uma da outra.

Entendemos pois que vir ago-

ra allegar que nada se deve pedir ao governo por elle não estar em circumstancias de se impôr a companhia, á qual nem conceden subsidios nem terreno, representa apenas poeira lançada aos olhos dos ignorantes para encubrir faltas ou fraquezas com que nada temos. N'esta questão, pomos inteiramente de lado a politica, para só cuidarmos dos interesses da terra, e portanto preferimos desvendar por completo as circumstancias com que falsamente se pretende revestir os factos, para que se possa seguir um caminho plano e sem encurvilhadas.

Para nós é ponto assente que estamos muito a tempo de dirigir as nossas reclamações e representações ao governo, o unico competente para fazer modificar o segundo plano ou traçado do caminho de ferro; e n'isto seguimos o proceder do povo da freguezia do Couto e S. Thiago do concelho de Oliveira d'Azemeis, o qual em vez de se dirigir ao presidente do conselho de ministros por meio de representações, dirigem-se-lhe por via de *empenhos*, que embora sejam menos legaes, são talvez mais conducentes ao fim que se tem em vista.

Cremos ainda que as reclamações e representações dirigidas ao governo por todo o nosso concelho sem que transparecesse o menor vislumbre de politica e sem que d'ellas sobressahisse a mais pequena questão partidaria, deviam ter bastante importancia, e talvez fossem o bastante para realisarmos as nossas aspirações.

Para tanto seria necessario um grande esforço, seria necessario pôr de parte umas pequenas coisas que apenas se abrigam em almas pequenas, para sómente pensar no bem geral, no desenvolvimento e progresso da villa. A pequena tentativa de que logo daremos conta falhou por isso mesmo, falhou porque, os que pola sua posição official deviam despedir-se dos preconceitos, antepuseram o seu amor proprio a tudo. Mas se essa pequena tentativa falhou, não falaria outra, quando iniciada com os primeiros elementos e com outros igualmente importantes que se lhes aggreassem.

Militam em favor da nossa reclamação muitos argumentos.

Ovar é eminentemente commercial; nenhuma outra terra do districto d'Aveiro se lhe pode egualar, e só Oliveira d'Azemeis se lhe approxima.

Diversas classes de commerciantes tornou a nossa villa em um grande centro commercial. Em primeiro logar os commerciantes de vinho, um dos ramos de commercio mais antigo e que tem attingido um grande desenvolvimento: depois os negociantes de cereaes e de farinhas, e os mercanteis os ourives etc.

Se como sempre se procura como *terminus* para uma via

ferrea uma terra de bastante actividade, de bastantes relações commerciaes. Ovar deveria ser preferida a qualquer outra terra do districto d'Aveiro, mesmo a esta cidade que, commercialmente é uma terra morta.

Alem d'isto Ovar está ligado de perto com centros de população importantes, como são a freguezia de Murtosa, Pardilho, Bundeiro, Souto e outros; e proximo tem a vasta ria d'Aveira, riquissima em peixe e em adubos para as terras. Pela facilidade nos transportes a ria d'Aveiro estava destinada ser, permitta-se-nos a expressão, o prolongamento da via ferrea. A ria serviria para carregar os productos, as mercadorias que em seguida deveriam ser transportadas pela via ferrea.

Tudo estava indicando que Ovar deveria ser o *terminus* do caminho de ferro do Valle do Vouga, e assim o pensaram os concessionarios que o fixaram em principio d'accordo com o governo, nas negociações perleminares n'esta terra. Vimos em quasi todos os jornaes que deram a noticia de ter sido feita a concessão, que o *terminus* seria a estação d'Ovar, mas o desmentido não se fez esperar. Influencias politicas poderosas levaram o governo a transferir o *terminus* para Espinho, atravessando o caminho de ferro a Feira. Quer dizer—os politicos da Feira, unindo-se, pedindo e representando a tempo, tiveram mais importancia do que nós, que nos deixamos dormir. Pois bom será que accordemos, porque ainda é tempo de accordar.

Dizem os defensores do entroncamento em Espinho que são muito maiores as despesas de construcção vindo o caminho de ferro a Ovar do que aquella terra. Nada sabemos d'este assumpto, nem somos competentes para avaliar se as despesas de construcção são muito maiores vindo a um ou a outro ponto, nem sequer conhecemos o trajecto que o caminho de ferro tem de percorrer.

Mas a avaliar pelas apparencias não parece que o dispendio seja de grande differença de um para outro ponto. Para qualquer lado a linha parece ser dispendiosissima, o que leva muita gente a suppor que tal caminho de ferro não passará de simples projecto.

Ainda que houvesse effectivamente, o que não cremos, alguma despesa a maior na construcção do caminho de ferro para se obter o entroncamento com a linha do norte em Ovar, cremos que essa differença seria exhuberantemente compensada pela riqueza da região que percorria até chegar a esta villa, como era as freguezias do Couto, populossissima, ficando ao lado S. Thiago e S. João da Madeira, mais abaixo Souto, impotante freguezia da Feira, mas ligada commercialmente com Ovar.

Não vale a pena fallar na importancia commercial da Feira e muito menos na da moderna freguezia de Espinho, onde se acha fixado o terminus. A população de Espinho fluctua entre a merce dos banhistas que levam para aquella praia uma animação de emprestimo por tres mezes.

Emfim, como nada havia que recommendasse o entroncamento em Espinho, recommendaram o as altas influencias politicas da Feira e tanto bastou para conseguirem para a sua terra um melhoramento que por direito lhe não pertencia.

Nós instigamos o povo d'este concelho a reclamar e representar ao governo, porque o caminho de ferro não somente approveita a villa, que abre mais largos mercados para o seu commercio e para as suas industrias; mas ainda porque desenvolve a praia do Furadouro.

Se o caminho de ferro do Valle do Vouga se construir como se achava projectado, isto é, passando por Oliveira de Azemeis e Feira e indo terminar em Espinho, a nossa praia está irremediavelmente condemnada.

No estado actual das communições, ainda muitos banhistas dos concelhos do nascente procuram a nossa praia, mas desde que as communições para Espinho se tornem tão facéis e commodas, como são as de caminho de ferro então é que essa pequena concurrencia desaparecerá.

Pensem todos n'este grande mal! prnsem todos se não vale a pena sacrificar um pouco de amor proprio, uma pouca de vaidade e caprichos mal entendidos, para sómente cuidarmos do interesse geral da nossa terra. Unindo-nos sem preconceitos, unindo-nos sem outro fim que não seja o trabalhar em prol dos nossos direitos e dos nossos interesses, expondo a verdade sem *ambayzes* e explorando o melhor caminho a seguir interessando o elemento popular n'esta questão e appellando para os *meetings* se tanto for preciso, sem receios miniamente meticulosos, nem pressões authoritariamente infundadas, cremos poder realizar as nossas aspirações, porque do governo facilmente obteriamos a modificação do projecto.

Já acima fallámos em uma tentativa feita por alguns habitantes d'esta villa, agora daremos uma noticia mais desenvolvida do que sabemos a tal respeito.

Na terça-feira da semana passada á noite reuniram-se no theatro Ovarense bastantes negociantes d'esta villa, tres bachareis formados em direito sentam d'elles vereador da camara e outro secretario ou ex-secretario da mesma, e alguns artistas, com o fim de deliberarem quales as providencias a

tomar com respeito ao entroncamento do caminho de ferro do Valle do Vouga.

Apezar da rapidez da reunião e falta de convites cremos que se reuniram umas 150 pessoas.

Eleita a meza expoz o presidente o fim da reunião, mostrando as vantagens que a Ovar adviriam os terminos da linha ser na estação d'Ovar: as vantagens que á companhia adviriam de tomar semelhante resolução. Suppunha elle presidente que estava no animo de todos envidar os maiores esforços perante o governo para que os desejos d'esta villa fossem satisfeitos.

Levantaram-se então a meia voz recriminações contra o deputado do circulo que nada tinha feito em favor d'esta terra, mas só em favor de Aveiro, e estava no animo da assembleia, pelo que se viu, que a representação elaborada em um *meeting*—idea, que logo appareceu—fosse enviada só ao dezbargador Francisco Mattoso, mostrando assim o justo sentimento para com aquelle deputado.

Digamos entre parenthesis que estas recriminações não eram dirigidas pelos adversarios do deputado, mas sim pelos seus proprios correligionarios. Soubemos depois que uns tiravam então desforço de pedidos não satisfeitos, e outros faziam politica por conta d'um politico que se não achava presente. Bulhas de partidarios.

Por unanimidade de votos resolveu-se convocar um comicio para o domingo seguinte, nomeando-se uma comissão, a qual devia ainda no dia immediato ir convidar a camara municipal e a junta da parochia para assistirem ao comicio.

Já reunido na comissão individuos que estavam filiados em dous partidos differentes, já convidando as corporações administrativas, a comissão pensava dar assim maior imponencia ao seu comicio, tornando verdadeiramente concellio.

Com esse intuito a comissão dirigiu-se na quarta-feira, á hora da sessão para a sala da camara, mas a camara não se reuniu... por falta de numero; succedehes sempre assim quando se vê em difficuldades e quer passar.

Compensando appareceu á comissão o celebre Soares Pinto que declarou muito terminantemente que se quizesse fazer comicios tinham gente progressista para os fazer!

Esta calinada exarcobrou a maior parte dos membros da comissão que se retiraram, não sem lhes terem dito alli que a auctoridade administrativa não daria licença para se fazer o «meeting»; e se a comissão persistisse em o effectuar, mandaria vir tropa.

Da quarta para a quinta-feira a camara e administração do concelho poderam dissuadir os seus correligionarios de proseguirem sua idea de «meeting» e mesmo de qualquer reclamação a proposito do caminho de ferro, dizendo-lhe que andavam servindo manejos politicos dos adversarios. Effectivamente os homens acenaram e combinando com a camara uma farçada, pois outro nome se lhe não pode dar, fizeram reunir á pressa a comissão na quinta-feira pela uma hora da tarde e dirigindo-se á camara, reunida em sessão, ali ouviram de alguns vereadores que não valia a pena fazer «meeting» porque a camara já tinha representado ao governo para que o entroncamento se fizesse em Ovar, e continuaria a empregar os seus esforços perante a companhia...quando esta se organisasse.

Depois d'isto a comissão pensando que era inconveniente um *meeting* no dia, hora e local previamente designado na reunião geral, depois o seu mandato.

Abençoada comissão.

E' verdade: esquecia-nos dizer que, quando a comissão se viu empalmada e sem força para fazer cousa alguma lembrou-se de pedir alem do entroncamento do caminho de ferro, tambem a construcção immediata do quartel! E a camara, prompta para tudo, disse que iria representar ao governo conforme os desejos da comissão!

A comissão, tendo sido engulida pela camara, expirou fazendo publicar um abaixo-assinado: não teve a menos a coragem de reunir a assembleia geral para depôr o mandato que não soube ou recebeu cumprir.

A par de muitas incoherencias da extincta comissão duas avultam sobre modo — 1.ª transparece do proceder da comissão que esta estava convencida de que a representação de nada valia visto o governo não ter dado subsidio ou feito cessão de terrenos aos concessionarios; e como é que fica satisfeita com a camara representar ao mesmo governo?—2.ª como é que a comissão

são só depois da audiencia da camara pensa na inconveniencia do dia, hora e local do *meeting*, e não pensou n'esses inconvenientes quando reunida em assembleia geral com os demais membros.

Recriminaram o deputado por este circulo não ter empregado esforços afim de conseguir que o entroncamento fosse em Ovar e não em Espinho.

Nós cremos que o deputado por este circulo se empenhasse para que o entroncamento fosse em Ovar; mas muito mais se empenhou para que o entroncamento fosse em Aveiro.

Ora como diversas influencias politicas trabalharam para que um dos ramaes fosse terminar em Espinho, o deputado não podia conseguir tudo, conseguiu somente parte, e, como a terra da sua naturalidade é Aveiro para ali empenhou os maiores esforços. Assim o ministro contentou as varias politicas e os politicos —ao deputado por Ovar e politicos d'Aveiro deu um ramal para aquella cidade; aos politicos da Feira deu um ramal para Espinho. E nem o deputado por Ovar podia e devia abarçar ambos os ramaes.

Não é portanto o deputado por Ovar quem teve a culpa; a culpa tiveram os eleitores d'Ovar que escolheram para os representar em côrtes um homem que não é seu conterraneo.



A luz da caridade

Da vida não tinha vindo
A luz, que do céu baixou,
O pobre não tinha ainda
Esperança, que lh'enchugou,

Da sua miseria o pranto,
Cheio de muita azedia,
De muito fel e ardor,
De cerração, que fazia

Do mundo cruel abysmo.
Onde jazia a ventura,
Com as estrellas do céu
E sorrisos d'alma pura!

Como devia ser triste
Ver o pranto e sua dôr?
E não ver um rosto meigo,
Inspiração do Senhor!

Como devia ser triste
O mundo sem caridade,
Sem as estrellas do céu,
Um coração sem bondade!!

Vê o mundo, ai, ver o sol,
Vê a luz, mas sem carinho,
Vê as esperanças, que nascem,
Vê os anjos mas sem ninhol!

não ser igual do que o chama para o lado do provir.

Porem nem tão variada tem sido a luz, que a não possamos analysar.

Caminhemos pela historia e vamos de committancia com a observação sincera até onde nos espera a sociedade na sua elaboração antiga e moderna.

Duas ordens de raios luminosos, em uma dos quaes existe o theologismo, cheio de phantasias e sonhos, e n'outra o metaphysismo rogoritando anarchia e revolução, com seus adjuntos o machiavelismo e empirismo rotineiro.

Pois bem; vejamos n'isto o passado e o presente, por sobre o qual vae raiando um e outro sol mais brilhante e puro, com mais amor e vida.

Chamemos-lhe, na corrente da nova escola, positivismo.

Meu Deus, meu Deus, causa horror,
Sem a luz da caridade,
O mundo sem uma aurora,
Inspiração de bondade!!

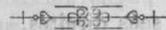
Bem hajas Christo sublime,
Com tua bondade e fé,
Bem hajas luz feita amor,
Nascida de Nazareth

Só tu soubeste ensinar.
Como se educa uma aurora
Só tu soubeste crear
Um coração, que enamora!

Com a luz da caridade
Deixas-te longas esperanças
Alimentando os velhinhos,
Sorrindo ás louras creanças.

Ovar-12-7-89.

José d'Almeida.



A Questão Medica

Offerecemos-lhes já a copia de um documento firmado pela actual camara e no qual se liam algumas das condições que foram impostas ao sr. dr. José Nogueira d'Almeida.

Pensavamos que esse documento, pela sua origem insuspeita, lhes deveria bastar.

Como argumentam sempre de má fé, declararam que na camara são uns e no jornal são outros —que na camara apreciam os actos de uma forma e no jornal de outra.

Somos condescendentes até á ultima. Não querem esse documento: julgam que é uma serie de inepcias o que a actual vereação n'elle disse; pois bem, ponha-se esse documento de parte, como se não tivesse existido, tanto mais que nós não queremos a actual vereação para cyrineu; e vamos adiante.

Viu se já que o partido de medicina e cirurgia em que foi provido o sr. dr. José Nogueira Dias d'Almeida tinha sido por de liberação da camara posto a concurso, sendo devidamente anunciado em tres jornaes.

Dizia-se tanto na acta, como nos annuncios que as condições do partido se achavam patentes na secretaria da camara, precisamente como em qualquer outro concurso.

Concorreu apenas a esse partido o sr. dr. José Nogueira Dias d'Almeida e, findo o praso do concurso, foi o medico provido, assignando previamente o contracto ou *compromisso* que contrahia

Compõe-se essencialmente de uma philosophia e d'uma politica, que são necessariamente inseparaveis, como constituindo uma a base e outra o fim d'um mesmo systema universal, onde a intelligencia e a socialidade se encontram intimamente combinadas.

Este novo principio philosophico, ignorado do sabio na antiguidade, ia escondido na evolução das cousas, modificando pouco a pouco o principio theologico metaphysico e hoje esforça-se por substituir o irrevogavelmente

Tend' assim tomado posse gradualmente de todos os estudos preliminares, d'hoje para o futuro livres do antigo regimen, restava-lhe completar sua generalisação systematica apoderando-se dos phenomenos sociaes como estudo final.

Formada a sociologia com o seculo d'Augusto Comte, reconho-

para com a camara, e n'esse compromisso se ennumeravam as condições a que ficava obrigado.

Então as condições se escreveram-se em auto ou acta assignada pelos vereadores e concurrente provido.

Salvo o erro, as condições do partido em que foi provido o sr. dr. José Nogueira Dias d'Almeida acham-se transcriptas na acta da sessão da camara com data de 18 d'agosto de 1885.

Essas condições são as seguintes:

1.ª—O individuo que for provido n'este logar (partido de medicina e cirurgia) será obrigado a curar todos os enfermos pobres gratuitamente, do concelho, quer no hospital, quer em suas casas, quando o mandarem chamar.

§ 1.º—Entende-se ser pobre toda a pessoa que pela legislação actual não pode ser considerado eleitor.

§ 2.º—Tambem se considera como pobre a classe piscatoria d'esta villa, não só porque grande parte d'esta classe não pode deixar de ser assim considerada, mas tambem porque é uso aqui antiquissimo darem as sociedades de pesca d'esta villa como avenga aos facultativos de partido, com residencia n'esta villa, sendo habilitados com a carta da escola do Porto ou Lisboa, uma parte ou quinhão, e da Universidade de Coimbra dois quinhões.

§ 3.º—Parte ou quinhão é o lucro correspondente repartido entre cada individuo da classe piscatoria durante um anno.

2.ª—O individuo nomeado para este logar é obrigado a fazer de manhã uma visita ao hospital e todas as mais que for preciso, durante o dia e noite, a cumprir em todas as suas partes o reglamento que o rege ficando a seu cargo a clinica medica do mesmo e até a cirurgia, quando a camara o julgue conveniente. E' tambem obrigado a assistir a todas as conferencias requisitadas ali ou em casa dos pobres pelos outros facultativos do partido, auxiliar e prestar todos os serviços clinicos que as circunstancias extraordinarias ou especiaes demandem.

§ 1.º—Não obstante a condição primeira, como ha' mais facultativos do partido entre os quaes está devidida a area do concelho com relação á clinica dos enfermos pobres, e sendo preciso attender ás freguezias de Maceda, Cortegaça e Esmoriz, o individuo que for nomeado para este logar terá a seu cargo mais espe-

cida a interdependencia dos conhecimentos humanos, o seculo desenove agigantou-se sobre o mundo do passado, com a nova orientação positiva dos espiritos.

Com esta creou-se a estatica e a dinamica social, reconhecendo-se que a ordem devia ser o desenvolvimento do progresso e o progresso o desenvolvimento da ordem.

Isto marca uma superioridade que a escola theologica, metaphysica ou revolucionaria não conseguiram elaborar, pois que uma demasiadamente acanhada affectiva até ao delirio e ligada á concepção supremamente chimerica, não podia ver o caminhar lento e harmonico da vida affectiva, intellectual e activa, enquanto que a outra perdida nos seus desvarios revolucionarios e transitorios satisfazia apenas, sem alguma cousa de real

FOLHETIM

(1)

A MINHA CRENÇA SOCIAL

No caminho lento da sociedade, levantam-se de frente as graves questões sociaes.

O sabio publicista, espantado e deveras commovido, na resolução de agigantados problemas, passa as horas desapercibidas, a analisar, comparando, compondo e recompondo os elementos do organismo social, qual menos complexamente procede o sabio chimico na separação e aproximação dos elementos, que julga ver n'um boçado de calcareo ou extracto minerio.

Um e outro inede as forças

das cousas e arranca da materia, ou dos factos de que é centro, o saber, uma ideia, que formula, como pôde—Procura uma resolução.

N'esta resolução segue um norte, um sol, como é dizer que procede methodicamente.

Mas terá o sabio d'hoje seguido o mesmo caminho, trabalhado á luz do mesmo sol, vivendo e soffido na mesma orientação que o sabio d'hontem?

Responde a isto a evolução social, que um só momento, não consente a paralyzação das forças que a dominam magnamente progressivas.

Um só momento! Ah! se o homem um só instante parára, melhor se poderia ver esta vida tão complexa, que é para elle o primeiro mysterio scientifico.

D'aqui o sol, que batera frouxamente nas bandas do passado,

cialmente a freguezia de Ovar, como todos os outros facultativos, a de Maceda, Cortegaça e Esmoriz.

3.^a—Não poderá sair para fóra do concelho sem licença da camara, e, quando esta a conceda, deverá deixar facultativo habilitado que faça as suas vezes dando d'isso conhecimento á camara.

Aqui ficam transcriptas as condições por que andam auctoriando ha tempos os nossos contradictores. Leiam-as agora como já por mais de uma vez as devem ter lido na secretaria da camara, onde os livros estã á sua vontade.

Por má fé teem dito que o partido em que foi provido o sr. dr. Almeida não estava sujeito a condições — apresentamos-lhas, como já lh'as apresentámos constando do documento passado pela actual camara.

E' possível, como acima dizemos que haja erro na acta da sessão camararia, onde essas condições se acham transcriptas. Não podemos verificar a data porque não temos á nossa disposição os livros. Em todo o caso é facil procurar o logar onde essas condições se acham.

Vamos devagar para chegar ao fim.



Como se cre na infancia; descrê na desventura e se cre pela sciencia

Era eu creança, um riso d'alvorada,
Pousado n'um jasmim
Sorria castamente e minha mãe,
A luz acrisolada, era tambem
Quem ria para mim!
A' luz d'aquelle santo immaculado,
Jámais gosado, amar,
Poude viver em berço feito arminho,
E sem prantos, sem dor e sem abrolhos
Ail caminhava affuto e sem escolhos
Da vida no caminho!

Era eu creança, um riso d'alvorada,
Sem velhos preconceitos,
Com muita luz das causas virginaes,
E demicas, divinas,
Ainda sem defeitos,
Sem raivas, sem punhaes,

Com que se fere o coração humano!
Ai não sabia o que era ser tyrano!
Eu via em todo o ser um santo riso
De minha boa mãe!
E par'cia-m'a da terra um paraizo
Com muita flor d'abril,
E ceu d'anil tambem.

Cresci; depois, meu Deus, eu vi fugir
Esse mundo de graça e d'illusão!
E as rosas virginaes da minha infancia,
Todo esse brilho, divinal fragancia
Levou-m'as o tufão!
Chorei, chorei, a minha dor em pranto,
E sabe Deus e bem sabe quanto
Do mundo tive horror.
Vi murchada, sem vida e resequida
Aquelle meiga flor, hoje perdida,
Qu'outrora cultivei, no meu jardim,
Da minha doce infancia,
Creado para mim
Com muito riso, divinal fragancia.
Ao sol que despontava,
D'aquillo, que passou, eu nada via;
E tanto mais crescia eu m'abysmava
No fel e na azedia!
Oh! custou-me, qu'assim tanta amargura
Houvesse de tragar,
Houvesse de soffrer!
E descrente, meu Deus, cheguei a crer
Que o mundo de ventura meu sonhado
Era regato d'agua já passado
No leito do prazer!
Soffri; mas como achava na mudança
Algun supposto alivio, uma bonança
Caminhei pelo mar, funda voragem
D'inflizes sem luz, filhos sem mãe
No mundo vi-me só fazia tambem,
Sem ter uma paragem.
Um riso puro, immaculado e santo
Puz-m'a chorar de novo em grande pranto.

Era a noute sombria da miseria;
Era a vida sem luz, na dor immensa;
Era o dia febril da desventura,
Era a hora solemne da amargura,
Bebida na descrença

Eu sentia o cavar-se d'um abysmo,
Em que via morrer os sonhos meus;
Eu sentia em minha alma um atheismo
Afangando-m'o brilho dos meus ceus

E cheguei a descrer do Infinito;
Discuti a bondade do meu Deus;
Proclamei contra os homens a vingança;
Mal disse o falso enlevo, a doce esperança
Tornei-me dos atheus!

Mas alguem que passou quiz levantar-me
D'esta queda fatal em que jazia;
Quiz deixar, pois, assim no meu lamento
Essa luz divinal do firmamento
E gotas d'ambrosia.

Esse alguem era um crente, um sonhador,
Que não tinha perdido, na amargura,
Almos creanças, tão meigas, do alvor,
Que se perdem tambem na desventura!

Por isso inda me disse e com amor
«Oh! não queiras morrer assim descrente.
«Olha ao longe: não vês? Vê de repente
«O tempo do Senhor!»

«E' n'aquelle sagrada augusta sede
«Que'l se encontra um alivio a cada pranto,
«Para cada miseria, um novo manto,
«Para o mal, doe bem que se lhe pede»

«Vai; segue além;
«Pede tambem
«Amor carinho»
«Quebra o espinho
«A' tua dor...
«Sê crente e bom;
«Diz a verdade;
«Na soledade
«Roga ao Senhor!»

Eu entrei e comigo ia a descrença
Já o sopro eruel do meu tufão,
Com as vozes ferinas da maldade;
E sentia bem frio o coração!

Assentei-me no topo do calvario;
Assentei-me bem junto d'uma cruz
A luz frouxa de velho lampadario
Inundava as chagas de Jesus!

Assentei-me onde a vida era bem pouca,
E viver, quem podia assim ao lado,
Quem podia, d'um corpo consummido
Na voragem do tempo já passado?!

Ail a vida é um sopro d'alvorada
Que, gigante, não soffre exigua luz!
Adoremos-te, ó christo alma divina,
Mas não seja pregado em tua cruz!

«E' o fogo, o clarão, que nos anima
«D'essa eterna razão—a luz immensa;
«E' o facho sereno do saber
«Que nos pode formar em tua creança...

Eis as vozes tão fundas de minha alma.
Ao deixar contristado a sede angusta,
Pois não vi que possesse alli a vida
Desprender-se da alma de Lo custa.

Caminhei pelas phases da miseria
Percorri os bordeis e lupanaes,
Não deixei da Justiça os tribunaes
E só vi a Justiça pelos ares.

Que descrença; meu Deus, que desalento
Eu não sinto esmagar meu coração,
Este frio que gela e nos consome
Ha de eterno ferir, com o tufão

D'estes odios immensos sociaes,
Descarnados trifuaces, devorantes
De virtudes, tão grandes ideaes.
N'uma luta medonha de gigantes?

Não se pôde fazer n'esta miseria
Essa luz que do bem seja a essencia?
Do amor, do sorrir, da liberdade?
Sê crente, minha lya na sciencia
Prosegue na verdade!
Ovar-22 7-89.

José d'Almeida.

Novidades

Falta de publicação

Por motivos independentes da nossa vontade, deixamos de publicar os dous numeros antecedentes, do que pedimos desculpa aos nossos assignantes, esperando em breve indemnizar-os d'essa falta.

Aproveitamos esta occasião para agradecer a muitos dos nossos assignantes de fora da villa o cuidado que tiveram em pedir que lhe fossem mandados esses dous numeros, queixando-se de irregularidade de que, diziam não estarem habituados. Não podendo responder a cada um em particular aqui lhes pedimos descul-

do seguir dominar e esclarecer os espiritos.

Não pôde a antiguidade comprehender, por falta d'uma sufficiente illustração das intelligencias, ordinariamente presas ao theologismo romano ou metaphysico grego, que se sociedade era um organismo vivo, submettido á grande lei da composição e decomposição, a este fluxo e refluxo de cellulas, que entram e cellulas, que saem, a esta fatal transformação das coisas, e não comprehendeu pelo fatal motivo de que a positividade mal dominava um pequeno numero de conhecimentos, os primeiros na hierarchia de Comte, os menos complexos e mais geraes, como as Mathematicas e a Astronomia geometrica.

Pode a idade media e moderna se passou na elaboração scientifica da Phisica Chimica e Biologia constituindo assim o grande sustentaculo sobre que havia de positivar-se a verdadeira theoria das sociedades.

E' certo, porem, que a novi-

pa;— a resposta fica dada n'esta noticia.

Doença.—Tem estado incommodados o pae e ex.^{ma} esposa do nosso amigo dr. Antonio Sobreira. Fazemos vofos pelo prompto restabelecimento dos illustres enfermos.

—Esteve gravemente doente o director d'este jornal, dr. Francisco Fragateiro.

Desastre.—Quarta-feira um rapasito de 4 annos de idade, filho do sr. Miranda, alfaiate subiu ao alto da primeira taça do chafariz dos campos e com tanta infelicidade que escorregou e cahiu á agua afogando-se.

—Ha dias em Esmoriz Francisco Alves Ferreira na occasião em que estava examinando uma arma pertencente a Manoel Luiz Pacheco, a arma desperou-se, cravando-se o tiro no baixo ventre do dono da mesma arma.

Manoel Luiz Pacheco ainda viveu por algum tempo, declarando que o ferimento recebido fóra simplesmente devido a um desastre, pois era amigo do Ferreira.

Isto não evitou que o Ferreira fosse preso e recolhido ás cadeias d'esta villa onde se acha preso.

Por esta forma vae augmentando o numero de crimes de homicidio que se teem de julgar nas futuras audiencias geraes. São já pelo menos tres.

Padres.—Nada ha que mais repugne do que são as garotadas e as arruaças, partindo de individuos que teem obrigação de ser bem educados.

Bem sabemos que esses factos são o producto de factos que já passaram e que agora vão felizmente desaparecendo porque encontravam a reprovação de toda a gente honesta e digna.

Ha dias estiveram n'esta villa uns padres que pregavam de tarde na igreja matriz d'esta villa. Segundo cremos essas predicas principiaram uns cinco ou seis dias antes de se realizar a festividade do Coração de Jesus.

Sob o pretexto de que esses padres eram jesuitas, uns poucos de sujeitos que se achavam no bilhar das Pontes,

dade d'uma tal educação ou regeneração, ignorada, por uns, mal comprehendida por outros, a quem um cego preconceito esmagava, tem sido o alvo, onde tem vindo cair as setas traçoceiras e falsarias.

A egreja crusada, iniciada pelo genio agigantado de Bonin e Augusto Comte tem sido a peregrinação mais santa sobre a terra, e no rasto luminoso, vae deixando martyres e santos e apóstolos, dignos de elegias cantadas na harpa plangente d'um Gernias de nova creença.

E digo martyres e santos, porque os julgo mais santos e martyres do que os proprios santificados e beatificados nos altares do Catholicismo.

Estes morriam asceticamente pelo bem da sua creença, que tinha o valor da chimera, aquelles tem morrido heroicamente pelo bem real da Humanidade.

Quem ler, com o coração bem formado, as paginas commoventes de Comte, no prefacio do tomo 2.^o da sua Politica, vê levantar-

lembraram-se de fazer arruaça quando dois d'elles passavam acompanhados pelo sr. padre João Soverino, um dos padres mais considerado d'esta villa. Já quando esses dous padres se achavam na sacristia da igreja tres d'esses engraçados lembravam-se de fazer uma pequena arruaça.

A indignação que este caso produziu foi grande: todos, sem distincção de partido censuraram esse acto de má educação e de baixos sentimentos.

Não contentes com isso, e vendo o desforço que o povo queria tomar nos dias immediatos, caso se repetissem a façanha, esses ou outros seus companheiros foram queimar bombas, por altas horas da noite, em frente á casa do sr. José d'Oliveira Vinagre, onde os referidos padres e seus companheiros se achavam hospedados.

Nós protestamos contra taes actos que apenas servem para desacreditar uma villa: apesar dos heroes que praticaram taes façanhas pertencerem ao partido das bombas e dos cacetes não pedimos a esse partido semelhantes responsabilidades.

Não conhecemos esses padres, podem ser jesuitas, lazaristas ou o que fór, que pouco nos importa. Antes de tudo elles são nossos hospedes, e os deveres da hospitalidade mandavam que os acolhessemos bem emquanto por esses actos não mostrassem que eram indignos das nossas attentões.

Esses padres portando-se como cidadãos pacíficos e bem educados, não tratando mal pessoa alguma, exercendo apenas a sua missão como elles a comprehendem, praticando actos consentaneos com o seu modo de pensar, prejudicavam em alguma cousa, feriam ao menos os sentimentos d'aquelles que os arruaçaram e dos que lhes foram queimar á porta bombas? Havia ao menos divergencia de doutrina, de opiniões religiosas, de opiniões philosophicas e de tal modo arreigadas que impellissem ao ataque? Ora, pelo amor de Deus, não cremos que os heroes da arruaça tenham ao menos opiniões em materia de re-

se a figura palida e esqueletada do martyr do amor d'outrem por outrem; sim martyr, porque amou muito e quiz bem á Humanidade, e esta chata, vil e pequenina, ainda á campa o acompanhou, não em peregrinação sancta, mas em tragedia infernal, insultando a sua memoria com o nome de atheu e revolucionario, num fargante processo, com que cingiram a frente do grande vulto da nova philosophia.

Mas o mundo caminha, dizia-o ha pouco Pelletan e repete-o hoje a voz da civilização occidental e os seus echos além no novo mundo.

O amarrado Promotheu não descança; sua voz irá mais longe e mais sonara; a Humanidade mais justa e mais grata caminhará então ao tumulo do sabio em peregrinação santa regar a flor da saudade e muitos como hoje hão de morrer em sua creença!

Ovar,—12—89.

(Continua). J. d'Almeida

ligião ou de philosophia; talvez mesmo nem sequer ouvissem fallar n'esta.

Mas então qual seria o motivo da arruaça? Esses *heroes*, como estão agora a sahir da meninice quizeram tornar-se salientes, quizeram mostrar que são contra os jesuitas, sem que elles saibam ainda o que é ser jesuita e em que differem estes padres dos outros, quaes os principios por que se regem, quaes as suas opiniões. Quizeram a celebridade na sua educação.

Dissemos acima que não imputamos ao partido da arruaça taes feitos, se bem que a esse bando pertençam os heroes tanto da arruaça como das bombas; mas esse partido procederia d'outra forma se alguem do partido regenerador tivesse praticado semelhante selvageria. O caso não deixaria de ser levado á egreja e cá fóra a bisbolhetice fãria das suas.

Como a *façanha dos heroes* foi geralmente reprovada, acudiram os limonadas a declarar que esses referidos padres vinham a esta villa para fazer politica visto estarem a avisingar-se as eleições. E assim elles violentando a consciencia das mulheres obrigariam os maridos a voltar na lista dos adversarios dos limonadas.

Esta *blague* teve só por fim desculpar os *heroes* porque logo no numero immediato dizem que affirmaram que os padres vieram a Ovar fazer politica, porque viam elles limonadas que a politica procurava explorar as arruaças e o caso das bombas.

A verdade é que para um caso tão simples não valia a pena estar constantemente a lançar infamias sobre o povo d'esta villa, sobre os padres, sobre o sr. padre João Soverino, um character honestissimo e um sacerdote respeitavel e a devassar o modo de viver de cada um.

No fim de contas, procedendo assim estão no seu elemento.

Assim principiando por dizer que os referidos padres se hospedaram em casa do sr. José d'Oliveira Vinagre alli com uma boa carne e bembem bom vinho, pois em um dia foram para casa do sr. José d'Oliveira Vinagre 18 kilos de carne. E depois perguntam: quem paga isto?

Segue que as mulheres dos fragateiros e mrritimos andam atraz dos missionarios...

Segue-os missionarios por meio das missões arranjam dinheiro para o sr. José Vinagre pagar ao sr. dr. Almeida, e é por isso que elles estão hospedados em casa d'aquelle negociante.

Segue—vem ahi as eleições e as mulheres violentam os maridos.

Afinal elles já anteriormente tinham dito mais. Para elles todas essas mulheres que iam ouvir as predicas d'esses padres não passaram de mulheres de má nota, de concubinas de padres.

Para fechar a serie de dislates com que esses desvairados sujarão o seu sujo papel basta transcrever o seguinte: «Se (os missionarios) viessem com o simples e puro intuito de pregar a santa e divina religião de Jesus de Nazareth,

perdoava-se-lhes.» De modo que para elles é um crime, que elles podem perdoar, pregar a santa e divina religião de Jesus de Nazareth!

Publicamos em seguida o protesto que os padres srs. Bento José Rodrigues e José Manoel Gonçalves nos dirigiram para ser publicado.

Sr. Redactor do *Ovarense*:—os Padres Bento José Rodrigues e José Manoel Gonçalves tendo enaufferivel direito ao seu bom nome e reputação, como cidadãos portuguezes e sacerdotes catholicos, protestam energicamente contra as calumnias infames e perfidas insinuações, com que a elles se refere o *Ovarense* no seu n.º 313 de domingo proximo passado sob a epigraphe *Missionarios*. E exigem em nome da lei, da verdade e da justiça, que o Sr. Redactor do dito jornal *Ovarense* declare ter sido mal informado para affirmar: 1.º que os missionarios que avoem em Ovar regalam seus corpos com fartas comidas, com capitosas (sic?) bebidas e com o mais...; 2.º que os Padres invocando falsamente o Evangelho, desviam as mulheres do seu trabalho e das suas obrigações de familia; 3.º que a razão occulta da missão tenha sido dominar pelo confissionario a mulher para que esta domine o marido em ordem a votar n'este ou n'aquelle partido.

Tudo isto é absolutamente falso, calumnioso, infame, e mais infames são ainda as perfidas e torpissimas insinuações, que se fazem de envolta com todas essas gratuitas e calumniosas asserções. Os sobre-ditos Padres tem percorrido boa parte de quasi todas as provincias de Portugal, é, mercê de Deus, podem invocar o testemunho de aldeias, villas e cidades para provar, que o seu sustento é frugal, que na sua doutrina nada se tem notado em desharmonia com o Evangelho e que o seu proceder civil, moral e religioso nunca foi taxado de reprehensivel; nem jámais costumavam perguntar aos seus penitentes qual é a sua côr politica, pretendendo tão sómente que sigam a bandeira de Jesus Christo e não a de Satanaz.

Ovar, 17 de julho de 1889.
Padre Bento José Rodrigues.
Padre José Manuel Gonçalves.

A estação.—Jornal illustrado de Modas para as familias publicou-se o n.º 16 de julho.

Summario: Correo da moda. **Gravuras:** Costume com capa—Costume com tunica—Luvas para passeio—Capa de banho (poncho)—Roupão com golla voltada—Manga ornada de pregas para o costume—Touca para banho—Costume com vestia figaro para menina—Cesto para viagem com tampa bordada—Cercadura—bordada sobre linho—Bordado de côr para a braçadeira de cortina—Pasta, couro recortado com pintura—Chapeu de jardim coberto de panno—Tapete para pequena meza—Costume para turista—Franja atada para faixa—Costume com corpo em prégas—Costume com blusa—Costume marujo (blusa e calças) para menino—Vestido feichado de lado para creancinha—Vestido blusa para menina—Costume com saia em pregas—Costume com orna-

mentos atados—Costume com larga cintura em ponta—Costume com faixa—Romeira com frentes chalo de fazenda renda—Chapeu redondo a cartão para menina—Capota da tule—Chapeu redondo com coroa de flores—Prato para pão madeira recortada—Gorra de tule—Bordado leve com flores em relevo—Cercadura com cordão a crochet—Pequeno tapete bordado contornado—Renda gripure a crochet—Babador com bordado—Grande capa de renda—Modelo typo para tapete etc., etc.

Com um figurino colorido representando: vestido para passeio com mangas de nuança differente ou de côr viva; e folha de moldes.

Assignatura, por anno. . . 4\$000 rs.
" 6 mezes . . . 2\$100 "
Numero avulso 200 "

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATACÃO

1.ª publicação.

No dia 18 d'agosto proximo pelo meio dia, no tribunal d'esta comarca, sito na Praça de Ovar, vai á praça para ser arrematada por quem mais der, na execução por custas que o escrivão abaixo assignado move contra Maria Roza de Jesus, solteira, maior, da rua dos Ferradores d'esta villa. «Uma morada» de casas terreas com quintal, parte de poço e mais pertencas sita na rua dos Ferradores d'esta villa, com o n.º 10, avaliada em 320,5000 reis.

Para uzarem dos seus direitos são citados os credores incertos da executada.

Ovar, 26 de Julho de 1889.

Verifiquei

Salgado e Carneiro.

O Escrivão

Antonio dos Santos Sobreira.

(197)

1.ª publicação.

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do Escrivão Ferraz, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, para deduzirem os seus direitos no inventario de menores a que se procede por fallecimento de Francisco José dos Santos Gesta, morador, que foi, na rua da Praça, d'esta villa, nos termos do § 4.º do artigo 696 do Codigo do Processo Civil.

Ovar, 15 de Julho de 1889.

Verifiquei

O Juiz de direito

Salgado e Carneiro.

O Escrivão,

Eduardo Elysis Ferraz d'Abreu.

ANNUNCIOS

Telegramma

Está em deposito na estação telegraphica d'esta villa, um telegramma para o Sr. João Ribeiro do largo de S. Lourenço.

NOVA OFFICINA LISBONENSE

DE

Francisco de Oliveira Carvalho

RUA DOS CAMPOS

OVAR

Participa que abriu a sua nova serralharia mechanica. N'esta officina faz-se toda a qualidade de bombas para poços e para jardins, cósinha e de elevação de agua, Estas bombas aspiram em grande comprimento; assim como moinhos automaticos para tirar agua servindõ de motor o vento.

Alem d'isto tambem se faz toda a qualidade de portões de ferro, grandes, fogões etc, torneiras de bronze e de latão, valbulas para toneis, prensas para expermer bagaço; torneamento em ferro, letão e madeira, etc.

Fundição de cobre, bronze, latão e zinco.

Trabalhos

zinco, cobre, chumbo e outros metaes

O proprietario encarrega-se de todo o trabalho concernente á sua arte

OVAR

Venda de casa

Quem quizer comprar uma casa sita na costa do Furadouro e proximo á Assembleia dirija-se a

FRANCISCO D'OLIVEIRA MAUARTE

Rua dos Lavradores

OVAR

PREVENÇÃO

Joaquim Gomes da Silva com loja de marceneiro, na Travessa da Fonte d'esta villa, constando-lhe que alguem tem contrahido dividas em seu nome e sem a sua auctorisação declara por este meio que não se responsabilisa por qualquer divida que para o futuro alguem contrahir sem a sua previa auctorisação e assignatura

Ovar 17 de Fevereiro de 1888.

Joaquim Gomes da Silva.

Antonio Ribeiro da Costa

DA

ESTAÇÃO D'OVAR

Agente de diversas Companhias de vapores para todo os portos do Brazil, Rio das Prata e Pacifico, vende passagens por preços moderados.

Tambem dá passagem gratis a familias para o Rio de Janeiro.

Para mais explicações dirijir-se á Agencia, a Estação Ovar.

HOTEL NO FURADOURO

Silva Cerveira abre no dia 15 do proximo agosto um hotel e bilhar na rua principal da costa do Furadouro. No hotel encontram-se as maiores commodidades, limpeza e preços convidativos.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE OVAR

(OVAR)

Esta typographia completamente habilitada encarrega-se de todo o qualquer trabalho concernente á sua arte, a toda qualquer côr, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornaes, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas, etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris uma grande variedape de typos e vinhetas.

ANNUARIO

COMMERCIAL PORTUGUEZ

Descripção minuciosa de todas as casas de commercio em todas as terras de Portugal e suas possessões, disposta de differentes formas, para facilitar a procura de informações.

Roteiro das cidades de Lisboa e Porto, por ordem alphabetica das ruas e com os nomes e profissões dos seus moradores.

Descripção chorographica de todas as cidades e villas de Portugal e possessões ultramarinas. 1.º anno—1889

Representante da empresa—Porto. Antonio Ferreira Campos, Rua do Mousinho da Silveira n.º 25;—Ovar, José Luiz da Silva Cerveira, loja do Povo, Praça.